

**F O R U M**



## UNIVERSIDADE E SOCIEDADE \*

Creio que o tema que muito sucintamente me proponho abordar aqui possui uma oportunidade especial, anda no ar e constitui um tópico-chave da nossa conjuntura universitária: perante a encruzilhada dos problemas vitais do nosso tempo, qual o significado de atribuir uma missão humanizante à Universidade, mormente a uma Faculdade de Humanidades? Ou, o que é o mesmo, em que consistirá a sua responsabilidade moral, em que e sob que formas, a cultura universitária pode servir de ideal para a vida da comunidade e do seu progresso para o Bem?

Este é o assunto fundamental do que talvez seja ousado afirmar como lição inaugural de um novo ano lectivo, já que a meus olhos se trata mais de formular um convite para uma reflexão urgente em torno da dimensão ética da cultura universitária, alicerce imprescindível para a construção de uma 'civilização da dignidade', como diria Vitorino Magalhães Godinho.

Com efeito, a par de se assumir como um serviço público destinado a impulsionar a preparação profissional, a Universidade integra, por definição, outros vectores de notável complexidade e amplitude que, quanto a nós, lhe traçam o singular perfil de

---

\* Comunicação pronunciada na sessão de abertura do ano académico 1993-94, na Faculdade de Letras do Porto. Este texto retoma e desenvolve algumas ideias apresentadas pelo Autor ao congresso "A Universidade e a construção europeia", comemorativo do 75.º aniversário da Universidade do Porto.

órgão social insubstituível ao serviço da criação cultural, serena e rigorosa, em sintonia com uma pluridimensional acção educativa que não poderá deixar de promover opções fundamentais acerca do tipo de ser humano a formar e obviamente sobre o modelo de sociedade a construir.

Nesta ordem de ideias, como não reconhecer que a meta essencial da instituição universitária não tenha de ser a da instauração de uma magnífica comunicação interpessoal, onde o saber, a verdade e o bem se configurem como o escopo de actividade ao ritmo de uma tarefa plenamente humanizante? Entendemos que nem a Cultura deva perspectivar-se tão só como o sistema de ideias deste ou daquele tempo, nem a Universidade, mormente a Faculdade de Letras como um organismo informativo e neutral de diversos saberes constitutivos de um legado fundamental para os seres humanos. E pensamos assim, porque se é verdade incontestável que a sociedade necessita sempre de óptimos profissionais, não é menos urgente, face ao actual panorama da civilização técnica e industrial, profundamente impregnada de utilitarismo, reflectir justamente no impacto daqueles saberes na formação da mentalidade dos grupos sociais. Não significa isto atribuir à instituição universitária a função de assegurar as vias pelas quais se hão-de resolver todas as perplexidades e problemas desta ou daquela sociedade, todavia desejaria ver incluída no âmbito das preocupações culturais e científicas da acção universitária, a consciência de uma necessidade inadiável: promover uma íntima e eficaz articulação entre criação cultural e afirmação omnipresente de uma acção educativa subordinada a um sentido ético inequivocamente marcado por uma ideia responsável de Humanismo. É que a Cultura sendo uma aspiração à inteligibilidade do mundo e da vida, pode e deve obrigar à promoção dos valores que fundamentam a essencial autorrealização de cada ser humano. Neste sentido, a Cultura responderá à polifacetada sucessão de desafios com que a vida se apresenta aos seres humanos, quer como investigação, quer como tarefa moral criadora.

Na aventura cultural europeia, de Platão a Kant, de Hegel até hoje, tempo em que as ciências humanas cooperam para analisar diversos aspectos da realidade contemporânea, encontramos sempre uma constante preocupação, embora de desigual

intensidade, em torno dessa grande questão para a Humanidade — a Cultura como via para a perfeição integral dos seres humanos.

Porém, é iniludível a crise de civilização, a crise de sociedade, em suma, a crise de valores do tempo presente — sinal evidente do precário influxo da acção educativa. Cabe à Universidade a responsabilidade desta aparentemente inevitável autodestruição? Decerto que não em toda a sua amplitude, todavia poderá sustentar-se que nem sempre a formação irrepreensível da personalidade dos destinatários da função cultural da Universidade constitui, já não o primado da sua missão, mas, ao menos, um propósito nítido e atento, uma dimensão essencial da sua justificação como instituição social.

Com efeito, trata-se de, como facilmente se depreende, entender que o fim da intervenção universitária reside, em nossa opinião, na formação de seres humanos críticos, por consequência, cultos, lúcidos e livres, para os quais urge extirpar da face da Terra, as marcas de irracionalidade, massificação e acriticismo, em suma, a alienação que ainda violam a actual vida contemporânea. Tal é, por excelência, a tarefa social e cultural da Universidade enquanto escola de Humanidade, fiel às admiráveis razões da Democracia, atenta à ideia de cooperação que, em boa análise, traduz o sentido do Bem Comum, alavanca propulsora da 'Revolução Cultural', com vista a que os seres humanos não mais se dividam em cultos e incultos, quer dizer, em humanos e subhumanos.

A divulgação do saber, a investigação fundamental a nível superior, a criação permanente de cultura não podem mascarar a indispensável seriedade moral que é a raiz do ser humano superior. A acção universitária, informativa e educativa, deve renunciar à emergência de um indiferentismo moral, isto é, deve banir ou afastar o horizonte ideológico relativista para o qual não raro tende, por vezes, aparentemente em obediência a um suposto imperativo de neutralidade científica, ao ritmo do qual se obscurece o universo ético. Inexoravelmente há que reconhecer que a suposta neutralidade, mais não é, afinal, do que a ideologia da neutralidade — isto é, a exaltação, ainda que suave e leve,

do relativismo. E se na área das ciências exactas as consequências decorrentes parecem não agredirem, são-no, porém, manifestamente mutilantes no âmbito das ciências humanas. Aqui, acima de tudo, pensamos imprescindível que a cultura universitária se exprima de um modo susceptível a separar o bem do mal, atitude que pressupõe o exílio do neutralismo, não obstante a análise das diversas perspectivas que a liberdade de investigação obviamente patenteará em cada momento.

Este modo de conceber a Cultura na Universidade em nada colide com a responsabilidade científica de divulgação da verdade enquanto enunciado descritivo da complexa realidade; repare-se que apenas se lhe acrescenta um dado explícito — justamente, uma apreciação e uma avaliação das consequências de índole moral. Situamo-nos no domínio das premissas prescritivas, é certo, porém, não como perspectivas interditivas. Apenas — e só — como convites persuasivos, isentos de arbitrariedade ou caprichismo, visando um rumo correcto para a formação do carácter, mas nunca viciando a essencial e livre opção pessoal, condição de uma plena experiência de responsabilidade.

O sentido global desta proposta ficará melhor esclarecido pela resposta que dermos a duas questões nucleares: em primeiro lugar, como realizar este objectivo educativo que se nos depára tão importante e, ao mesmo tempo, tão pleno de riscos? Em seguida, que prioridades destacamos para a Cultura na Universidade portuguesa contemporânea?

Considerando os limites definidos para esta comunicação, duas orientações complementares dominam, segundo o nosso ponto de vista, o essencial da resposta.

Assim, por um lado, sob o signo da liberdade, a Universidade norteará a sua intenção formativa, aliando o seu esforço reflexivo aos imperativos da acção; a sua mensagem pluridimensional deve apresentar a marca da convicção que uma esclarecida investigação facultará e, ao mesmo tempo, o sinal indelével de uma preocupação de natureza moral; por outro lado, a consciência dessa responsabilidade integra, em nossa opinião, a necessidade de incluir nos diferentes planos curriculares das diversas Licenciaturas, uma

disciplina de Ética, e não apenas de Deontologia como acontece num ou outro caso, capaz de fazer sobressair, nesses diversos ramos de conhecimento, o propósito humanizante que reiteradamente vimos reclamando para a Cultura Universitária. Deste modo, o saber revestir-se-á de uma dimensão de Sabedoria que pensamos indispensável para coordenar as diversas actividades humanas, uma Sabedoria de cunho humanístico que se exercitará como instância magistral e reitora das finalidades essenciais da vida humana. Entendemos que a Universidade, mormente a Faculdade de Letras, se cumprirá em plena integridade se formar seres humanos, não apenas profissionalmente competentes, mas igualmente vocacionados a salvaguardar a dimensão ética do seu trabalho.

Acabamos de perfilar uma afirmação que nos impusemos trazer aqui, já porque constitui — necessário se torna considerá-lo — a exacta e concreta missão fundamental de uma instituição que deve ser o centro polarizador das linhas superiores do pensamento e do conhecimento para os comunicar aos diversos quadrantes de uma sociedade onde se impõe inculcar a Cultura como um afã permanente que lhe há-de pautar o ritmo e a tensão. É em tal ordem de ideias e na justa perspectiva onde desejaríamos que a Universidade promovesse uma inadiável sociedade eminentemente cultural, que se nos depára como decisivo, necessário e urgente, salientar no âmbito das finalidades universitárias, a par de um empenho diligente em fundir o pensamento e a acção, o máximo e laborioso esforço em formar élites cultas, educadas na liberdade e para a liberdade e obedientes a um sentido de vanguarda — projecção da capacidade criadora de uma Universidade rectamente entendida ao ritmo da Europa, ou o que é o mesmo, da cultura europeia, em cujo legado fundamental se destaca uma inequívoca pedagogia social humanística.

Todavia, o cumprimento desta vocação radical só poderá efectivar-se se no ensino da sua disciplina, por especializada e operativa que seja, cada professor assumir plenamente aquele sentido prometeico e fáustico, matriz europeia por excelência, que tem estimulado a civilização à escala mundial.

Salvaguardadas as suas autênticas diversidades, cabe, ao que pensamos, aos intelectuais universitários, na hora que passa, forjar

uma consciência histórica capaz de inventar e comunicar as estruturas culturais transnacionais necessárias à era planetária em cujo limiar nos encontramos — mas esta aspiração, enraizada na cultura comum dos europeus, só poderá ser protagonizada pela Universidade se, ao lado das preocupações com as necessidades concretas e imediatas de cada país, não recuar na admirável tarefa de promover um constante aperfeiçoamento de uma mentalidade ética em que deve apoiar-se o desenvolvimento cultural dos seres humanos.

Evoquemos, a propósito, um pensamento de um genial universitário e grande europeu como foi Ortega y Gasset, sob o signo de quem coloco esta comunicação. Para ele a Cultura "é o sistema de ideias vivas que cada tempo possui. Melhor: o sistema de ideias a partir das quais um tempo vive" (1), por essa razão, "é ela o plano da vida, a guia dos caminhos ao longo da selva da existência" (2). Com efeito, a Cultura é uma necessidade iniludível e constitutiva da vida humana; identificada com a própria Cultura, não caberá à Universidade traçar os rumos para a plena construção de uma sociedade moral? Decerto que sim, mormente naquela perspectiva em que transmitir cultura mais não é do que ensinar valores íntegros para o tempo presente. Assim se compreenderá a inexorável exigência da Universidade intervir na actual realidade histórica, "deste modo não será uma instituição só para estudantes, um recinto *ad usum delphinis*, mas, enraizada na vida, no meio das suas urgências, das suas paixões, há-de impor-se como um 'poder espiritual' superior" (3). Importa, pois, que a Universidade não apareça, apenas, como um oásis de saber num deserto de ignorância; importa, cada vez mais importa, que uma Faculdade de Letras, ao interpretar o mundo e a vida, assuma a nobre tarefa que consiste em participar na sua transformação — vocação que, numa palavra, se traduz na intensão ética da sua actividade cultural.

---

(1) José Ortega y Gasset, "Misión de la Universidad" em Obras Completas, Tomo IV, Madrid, Edit. Revista de Occidente, 1962, p. 341.

(2) Ibidem, p. 343.

(3) Ibidem, p. 353.



Nesta ordem de ideias se nos depára a tarefa moral do intelectual universitário, que não poderá confundir-se com uma atitude de *outsider* ou de *révolté*, de inconformista numa palavra ou de mero divulgador de conhecimentos, retalhista de um hipermercado do saber, para um grupo social consumidor e minoritário. Não. O seu ofício — e *officium* significava primariamente dever — na actual sociedade tem de ser o de uma vigilante consciência sempre à altura dos tempos, capaz de apresentar um projecto fundamental e exemplar de conhecimento e existência, isto é, de cultura para a vida.

Ora, a síntese de conhecimento e existência encontra-se bem nítida na Filosofia, mediante o exercício da sua força tranquila, que é a força da Razão, mormente na sua vertente ética, justificando-se assim a inseparabilidade entre os diversos saberes e a instância ética que acentuará o sentido sociológico-moral das Humanidades com vista ao desenvolvimento de uma sociedade de autêntica comunicação moral e não simplesmente material.

Mas agora devo perguntar-me: que significarão estas palavras para os estudantes em cujas mãos jovens está o destino do mundo? Estudantes que vivem um tempo céptico, desiludido, atento quase só ao imediato, funcional e prático, estudantes abrumados pela preocupação das 'saídas' profissionais, tão obscuras e tão incertas e a ameaça de cair no cada vez mais numeroso 'proletariado intelectual'.

Temo que interpretem tudo quanto disse como mera expressão de vã retórica — é sempre um risco; todavia, permitam que lhes recorde que uma vida sem ideais, nem grandes projectos conduz inexoravelmente ao fastio, à insatisfação e à evasão solipsista. Ao desencanto e à frustração terá de se responder com trabalho persistente e em profundidade por uma modificação das estruturas da sociedade. Tal é o imperativo que se me impõe, porque somente mediante o talento e a vontade de trabalho será possível afrontar as dificuldades da vida quotidiana, a fim de construir desde a base e com firmeza, honradez e determinação uma sociedade nova.

É neste sentido que entendemos a responsabilidade moral da Universidade, isto é, a missão de formar "funcionários de

humanização" que, na expressão de Husserl<sup>(4)</sup>, são os cultores das ciências do espírito e dos quais a sociedade portuguesa urgentemente necessita.

Aos estudantes e a esses outros perenes estudantes que são os professores, permitam-me referir um pensamento de Albert Camus — "(...) sem a Cultura, e a liberdade relativa que ela supõe, a sociedade mesmo perfeita, não é mais do que uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom ao futuro"<sup>(5)</sup>.

Do que venho dizendo poderá extrair-se a ideia de recusa de uma Universidade organizada em forma estritamente empresarial, como se se tratasse de uma enorme indústria — a indústria da educação — destinada apenas ao fabrico de um saber técnico e à sua correspondente mão-de-obra. De facto, àqueles que a perspectivam tão só como instituição ao serviço da formação profissional oponho o ponto de vista de que a finalidade superior de uma Universidade, mormente de uma Faculdade de Letras, reside na criação cultural e científica com vista à formação de seres humanos capazes de transmitirem uma indeclinável estrutura moral à actividade a que preferencialmente dedicarão a sua existência.

Na entrega a esta causa reside o que poderíamos chamar 'ética universitária', manifestamente norteada por uma ideia de Humanismo onde a criação dinâmica do saber quer dirigir-se à sociedade que a rodeia, não apenas na ordem das ideias, mas também no sentido de levar a sociedade a novas situações, isto é, visando transformar a sociedade.

Seguramente o que determina a singularidade da vocação e da importância de uma Faculdade de Letras, para que não se reduza a uma simples peça na engrenagem de uma economia de mercado, é, sem tergiversações, a afirmação permanente da

---

(4) Husserl, Edmond, "Krisis", Paris, Gallimard, 1976, p. 23.

(5) Albert Camus, "Actuelles-II" em "Essais", Paris, Gallimard, Bibl. de la Pleiade, 1965, p. 804.

dimensão cultural do Desenvolvimento, mediante o mais elevado grau de investigação e de preparação profissional, susceptível de um diálogo prospectivo com a realidade e consciente de que só a Cultura salva a vida humana de ser um mero desastre, de permanecer um contínuo caos, à deriva.

Chego ao fim desta reflexão cuja finalidade foi destacar, no âmbito da pluralidade de dimensões da actividade universitária, a consciência da interacção entre o pensamento humanístico e a actividade humana, base para a formação de seres humanos e não meros profissionais tão do gosto das sociedades de raiz tecnológica. Creio, por consequência, que é monstruoso fomentar a ideia da inutilidade dos estudos humanísticos, tendência não raro evidenciada, mas sinal de insensibilidade, imaturidade, penúria e inércia cultural. É certo que há que reconhecer que este problema, no fundo, talvez resida na própria sociedade, mas decerto não é cruzando os braços que as mentalidades se alteram; pelo contrário, a tarefa séria, profunda e imperativa, comum a estudantes e a professores de uma Faculdade de Letras é a de se assumirem como activos protagonistas da dimensão sociológica-moral das Humanidades, isto é, intelectuais preocupados em, por um lado, compreender e combater pelo aperfeiçoamento da realidade humana actual e, por outro, estimular o aprofundamento das razões da Democracia, visto ser o modelo ético-político que permite e favorece o máximo desenvolvimento de todos os seres humanos.

É para esta tarefa que me sinto chamado; é para ela que, se me permitem, vos convido, hoje, nesta hora primeira de um novo ano lectivo!

*Luís de Araújo*